

## ANTÓNIO LOBO ANTUNES: SUA ESCRITA, SEU MUNDO?

*Tércia Costa Valverde\**

**RESUMO** — *António Lobo Antunes faz da criação literária uma condição de existência. Até mesmo na época em que exerceu a medicina, entre um paciente e outro, dava vida aos seus personagens através da grafia. Lobo Antunes nos ilumina com as suas criações. Mas por que? Talvez porque aborde o sujeito e a sua existência. Quem não se enxerga em pelo menos um de seus personagens? Como desvincular os seus temas da condição humana? Sua obra reflete o psicológico e os sentimentos do homem. Por isso nos toca. E, embora presenciemos fatos históricos, personalidades lusitanas na literatura antuniana, por outro lado, há um transbordamento dessa fronteira factual, que possibilita a liberdade de criação. Podemos afirmar que Lobo Antunes não escreve somente para si e para os portugueses, mas também para leitores universais. Buscamos, com essa afirmação, ampliar os estudos antunianos aqui no Brasil e possibilitar diálogos entre os nativos de Língua Portuguesa.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Lobo Antunes. Criação Literária. Condição Humana.*

### INTRODUÇÃO

Ao longo de entrevistas, António Lobo Antunes revela-nos a necessidade de escrita para manter-se vivo. Sugere a importância que a sua obra tem para si e para o seu público leitor. Faz da confecção literária uma condição de existência: quando não está realizando as necessidades básicas do ser humano, está escrevendo. No passado, fazia o mesmo nos hospitais: entre um paciente e outro, dava vida aos seus pensamentos através da grafia. Lobo Antunes nos ilumina com as suas criações. Consegue cativar o próximo pela escrita. Mas por que? Talvez porque

---

\* Professora Adjunta DLA/UEFS). Doutora em Teoria Literária (UFPE). E-Mail: tecaverde05@outlook.com.

Universidade Estadual de Feira de Santana- Departamento de Letras e Artes (DLA), Módulo II.. Tel (75)3161-8287/8199. Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte. Feira de Santana/BA. Cep 44036-336. E-Mail: dla@uefs.br.

aborde o homem e a sua existência. Quem não se enxerga em pelo menos um de seus personagens? Como desvincular os seus temas da condição humana? Sua obra toca o psicológico e os sentimentos humanos. Por isso nos toca. E, embora presenciemos fatos históricos, personalidades lusitanas na literatura antuniana, por outro lado, há um transbordamento dessa fronteira factual, que possibilita a liberdade de criação. Em acréscimo, podemos afirmar que Lobo Antunes não escreve somente para si e para os portugueses mas também para leitores de qualquer nacionalidade. Buscamos, com essa afirmação, ampliar os estudos antunianos aqui no Brasil e possibilitar diálogos entre os nativos de Língua Portuguesa.

Lobo Antunes, de certo modo, provoca os seus leitores. Podemos perceber que, na escrita antuniana, existe uma constante tematização das questões do *eu*, dos anseios da mente e do coração humanos. Há uma tendência em abordar o homem, juntamente com as suas dores e desejos. Não por acaso especializou-se em psiquiatria. Desse modo, analisa o homem bem como as suas ações e sentimentos. A sua escrita também se caracteriza por ser demasiadamente crítica, ácida e que desconcerta as certezas humanas. Há uma decadência reinante nas pessoas e nos locais que conduz à fatalidade. Quem não morre, em seus romances, acaba por sofrer as consequências de uma trágica existência. Essa tragicidade típica de Lobo Antunes se mescla à melancolia portuguesa já solidificada em sua cultura. Mas não há motivos para luto. Lobo Antunes não escreve contra Portugal, muito menos nega a história de seu povo. A sua obra toca muito mais o universal do que o local. É o homem que é posto em xeque e não o sujeito português. Porém o escritor possui uma bagagem cultural / existencial que é lusitana. Por isso o local e o universal se irmanam ao longo de sua obra. A respeito do assunto, María Luisa Blanco, em **Conversas com António Lobo Antunes**, reitera o caráter melancólico do povo português, mas reforça o fato de que Lobo Antunes não escreve contra Portugal. Pelo contrário, a sua obra “é naturalmente universal, mas a atmosfera dos seus livros respira em simbiose com a melancolia portuguesa” (2002, p. 19). Lobo Antunes possui uma personalidade misteriosa e labiríntica.

Sua escrita também toca esses adjetivos. A sua obra é fruto de um árduo e solitário trabalho que aborda questões coletivas. É considerado “hermético e impenetrável” (p. 22). Entretanto a profundidade de seus escritos vai tornando-se mais agradável quando nos envolvemos com a beleza de sua poesia e o modo como analisa os fatos.

Para Lobo Antunes, escrever é como respirar, ou seja, é necessário à sua sobrevivência. Encontramos a seguinte declaração do escritor, no livro de Céu e Silva, intitulado **Uma longa viagem com António Lobo Antunes**:

Quando estamos a escrever, o livro chupa-nos de tal maneira que não temos tempo livre. Acordamos com ele, adormecemos com ele, sonhamos com ele[...] quando estou a escrever – normalmente demoro muito tempo a escrever porque sou lento – tenho de tomar um comprimido para dormir, senão fico com o livro a noite toda dentro de mim e acordo de madrugada por causa de uma vírgula, de uma palavra ou coisa do género (2009, p. 19).

O enredo antuniano costuma ter uma atmosfera pessimista. Não há final feliz mas, o peso de uma trágica existência. Lobo Antunes diz que a própria vida é feita de tristeza e acasos. Para ele, as pessoas normalmente são vítimas de si e dos outros. Dessa forma, nada mais natural do que representar poeticamente essa realidade humana. Temas como vida/morte, origem/fim, saúde/doença delineiam as suas páginas e ajudam a confeccionar um universo de identificação do homem. Há, na obra de Lobo Antunes, uma constante preocupação com o sentido da vida e o destino dos homens. Questões metafísicas, ontológicas e escatológicas recheiam e dão liga às suas metáforas e metonímias. O homem, as suas ações e pensamentos bem como as possíveis consequências de se estar vivo situam-se no cenário central da literatura antuniana, mesmo quando essa figura humana toma qualquer outra forma grotesca e é, simbolicamente, associada a um objeto ou animal disforme.

Psiquiatra de formação, humanista de natureza, Lobo Antunes busca, reiteradas vezes, analisar e questionar, mas não

solucionar, os mistérios em torno do homem e de sua vida em sociedade. Desse modo, apesar das inúmeras críticas em torno de sua poética, podemos afirmar que Lobo Antunes tem uma grande sensibilidade no trato humano. Sua leitura nos desconcerta, nos põe em xeque, porém direciona os nossos olhos para dentro de nós mesmos. Declarou, em relação às pessoas, que: “cada vez as respeito mais, porque tenho visto o que sofrem – as pessoas sofrem muito – e há um desamparo muito grande, uma solidão muito grande e um sofrimento muito grande” (p. 25). Lobo Antunes está atento aos seus semelhantes, pois, enquanto médico e combatente na Guerra Colonial em Angola, presenciou o sofrimento alheio e teve de administrá-lo por alguns anos, passando também a ser refém da dor existencial. Ele diz buscar “o sentido ético da literatura”, no momento em que filosofa a questão humana (p. 28).

A experiência da guerra também foi uma negociação com a morte. Lobo Antunes afirma ter orgulho de ser português, porque, metaforicamente, “os mesmos homens que andavam em barquinhos de catorze metros e atravessavam o oceano eram os mesmos que estavam ali naquela guerra” (p. 35). Jovens, entre dezoito e vinte anos, tinham que tomar decisões e ações do mundo adulto. Foram corajosos, resistentes, mal alimentados e mal pagos, “num sítio com um clima completamente inóspito; numa guerra sem razão nem sentido” (*idem*). Disse que até lamberam o orvalho das árvores, porque não tinham água para beber. Por isso, Angola não lhe sai do pensamento. Mas não foi o lugar em si que marcou a sua vida e visão de mundo literária. Foram as experiências que teve com os colegas que moldaram o seu caráter e o situaram no universo. Do mesmo modo, em sua obra, quando se fala que, por exemplo, em **Os cus de Judas** (1979) há uma abordagem da guerra colonial na África, não é o conflito em si que se posiciona de modo central, mas as ações e expectativas ao seu redor. Torna-se relevante pensar não “a guerra”, mas “o homem na guerra”.

Outra temática, a da inabilidade social no trato com os dependentes químicos e os travestis, é sugerida por Lobo Antunes em **Que farei quando tudo arde?** (2001). Na referida obra, apesar de todo o sofrimento dos personagens principais

– a tríade Carlos, Judite e Paulo –, podemos reconhecer a sua consideração em relação aos mesmos, através da denúncia de uma sociedade que exclui e tenta destruir a diferença sexual/comportamental. No fundo, Lobo Antunes acredita no amor familiar e sofreu, juntamente com os referidos protagonistas, o drama do aniquilamento de uma família, que, aliás, se apresenta como o revés da Sagrada Família cristã. Sofreu com a morte de Carlos, com o flagelo de Judite e com a dependência química de Paulo. E nos transmitiu também toda essa agonia humana. A sua escrita não é agonizante, mas é a própria vida que agoniza o homem. Assim, em **Que farei quando tudo arde?**, Lobo Antunes pode estar tentando nos alertar para o fato de que o seu país, é moralista e preconceituoso em relação aos excluídos sociais, a saber, um travesti, uma prostituta bêbada e um viciado em heroína, preconceito esse, oriundo da falta de conhecimento e atenção ao próximo. No caso de Portugal, ele diz que o preconceito é marcante “e que começa logo nos nomes próprios ou na maneira como decoram as casas” (p.43). Mas será mesmo que tal realidade é somente portuguesa? Não estaria toda a sociedade ocidental inapta para aceitar tais questões? Lobo Antunes põe em xeque o ser humano, e não só o homem português.

E de que modo Lobo Antunes desmascara a humanidade? Através de uma escrita, principalmente, irônica e grotesca, a exemplo de quando ele descreve o rei D.Manoel com “pálpebras de galo idoso”, ou transforma o pai-pátria de Camões em um “líquido entornado numa garrafa de leite”, em **As Naus** (2006, p. 96 e 125). Tais elementos estéticos compõem a atmosfera cinzenta, que desarticula as certezas e ordens sociais. Maria Alzira Seixo, em **As flores do Inferno e jardins suspensos** (2010), diz que o universo antuniano é normalmente sombrio e noturno (p.17). Mas estaria Lobo Antunes, em seu universo crítico, analisando somente a história de Portugal? Estaria o escritor de Benfica, por exemplo, em **As Naus** (1988), preso à carnavalização do passado ultramarino de seu país? Sim e não. Esse passado também é ocidental e gerou consequências globais.

A pesar de Lobo Antunes analisar criticamente o processo

de colonização/descolonização de Portugal, o salazarismo, o sebastianismo e outros temas específicos da cultura portuguesa, não podemos nos esquecer que, antes de tudo, Lobo Antunes faz literatura. E, ao confeccioná-la, acaba tocando assuntos universais. Fazendo ou não parte do mundo lusófono, o público leitor, das mais variadas nacionalidades, vai identificar-se, em maior ou menor grau, com a obra antuniana. Mas por que? Talvez porque, de algum modo, a literatura comunica. Mesmo ultrapassando as fronteiras do real. O escritor acaba mostrando aos seus leitores outros caminhos a serem trilhados. O mundo convencional já não supre mais as necessidades infinitas dos artistas modernos. É necessário buscar formas de vida, comportamentos e sentimentos divergentes do comum. A literatura detém essa liberdade de expressão. O poeta faz tudo isso através das palavras, que materializam as inquietudes mais íntimas de seu ser. Octavio Paz, em **O arco e a lira**, nos esclarece que o homem é um ser de palavras e que elas são a nossa única realidade, pois não há pensamento sem linguagem. A palavra é uma ponte através da qual o homem tenta superar a distância que o separa da realidade exterior (1982, p. 43). Já para Wolfgang Iser, em **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**, os textos literários são de natureza ficcional e, mesmo contendo elementos reais, não vão se esgotar na descrição do real (ISER *apud* COSTA LIMA, 2002, p. 957). Desse modo, a literatura opera no *como se*, na visão de Iser. Trata-se de um ato de fingir, de uma transgressão de limites, de uma aliança com o imaginário e com a fantasia. Assim, a literatura é uma irrealização do real e uma realização do imaginário (p. 959).

Ampliar horizontes e ultrapassar as barreiras impostas pelo modelo prático de existência são atitudes tomadas pelos poetas modernos, no exercício da lírica. Fernando Pessoa reitera tal situação quando afirma que o “poeta é um fingidor”, que acaba por representar a dor que deveras sente. Tal sentimento pode ser até real, mas o como ele é delineado no cenário ficcional faz com que se torne um elemento onírico, que se descortina aos olhos dos leitores. Assim, a atmosfera lírica é composta de significados e símbolos que brotam de dentro do seu próprio sistema. Tais representações podem se fundir com os elementos

do real, entretanto não se pode falar aqui de uma intencionalidade da obra literária. A linguagem da ficção é mimética, antes um disfarce do que a mera imitação do universo convencional. A simbologia da arte se desvincula da objetividade, criando os seus significantes e respectivos sentidos. Segundo Costa Lima, em **Mimesis e Modernidade**, a estética se diferencia por ser uma forma *sui generis* de comunicação, e porque só indiretamente estabelece uma relação com o real (2003, p. 93). A obra artística enriquece os fatos históricos, vai além do ocorrido, das barreiras geográficas e temporais. E, por isso, torna-se única, singular e envolvente. Desse modo, diante do exposto, estaria Lobo Antunes escrevendo somente para os portugueses?

## **ANTÓNIO LOBO ANTUNES: HIS WRITING, HIS WORLD?**

**ABSTRACT** — *António Lobo Antunes makes of the literary labor an existence condition. Even in the times he worked as a doctor, between a patient and another, he brought to life his characters. Lobo Antunes light us up with his creations. But why? Maybe because he focuses the man and it's existence. Who may not see himself in, for example, one of his characters? How should we separate his plots from the human condition? His literature reflects feelings of the man and his psychology. That's why he touches us. And, although we face historical facts, Portuguese personalities in the antuniana literature, on the other side, there is a overflowing of the factual border that enhances the liberty of creation. We can affirm that Lobo Antunes does not write only for himself and for the Portuguese people, but also for the universal readers. In this way, we aim develop the antuniano studies in Brazil and establish dialogues among Portuguese language natives.*

**KEYWORDS:** *Lobo Antunes. Literary Criation. Human Condition.*

## **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, A. L. **Sôbolos rios que vão**. Lisboa: Dom Quixote, 2010.  
 \_\_\_\_\_. **Terceiro livro de crônicas**. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

- \_\_\_\_\_. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. **As Naus**. 5.ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002
- \_\_\_\_\_. **Segundo livro de crônicas**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Que farei quando tudo arde?** 2.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O esplendor de Portugal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Exortação aos crocodilos**. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Livro de crônicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A história do hidroavião**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- ANTUNES, J. F. **O império com pés de barro, Colonização e Descolonização**: as ideologias em Portugal. Lisboa: Dom Quixote, 1980.
- ANTUNES, J. L. (Org.). **António Lobo Antunes, d'este viver aqui neste papel descripto**: cartas da guerra. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- ARNAUT, A. P. **António Lobo Antunes**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- \_\_\_\_\_(Org.). **Entrevistas com António Lobo Antunes: 1979-2007 – confissões do trapeiro**. Coimbra: Almedina, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Post-Modernismo no romance português contemporâneo**: fios de Ariadne, máscaras de Proteu. Coimbra: Almedina, 2002.
- BADIOU, A. **Para uma nova teoria do sujeito**: conferências brasileiras. Tradução Emerson da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Tradução Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução Carlos Moisés e Ana Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Tradução Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BLANCO, M. L. **Conversas com António Lobo Antunes.** 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

CEIA, C. **O que é afinal o pós-modernismo?** Lisboa: Edições Século XXI, 1998.

CÉU e SILVA, J. **Uma longa viagem com António Lobo Antunes.** Porto: Porto Editora, 2009.

CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

COELHO, T. **António Lobo Antunes: Fotobiografia.** 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade.** Tradução Cleonice Mourão, Consuelo Santiago e Eunice Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

COSTA LIMA, L. **Mímesis e modernidade: formas das sombras.** 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução Aurélio Neto, Célia Costa, Ana de Oliveira, Lúcia Leão, Suely Rolnik, Peter Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1-5.

**DICIONÁRIO DA OBRA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES.** Direção Maria Alzira Seixo. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008. V. I e II.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo.** Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

ECO, H. (Org.). **História da feiura.** Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ESCARPIT, R. **L'Humour.** 4.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos**. Tradução Vera Ribeiro, Elisa Monteiro e Inês Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. I-V.

\_\_\_\_\_. **História da loucura: na Idade Clássica**. Tradução José Coelho Neto. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 15.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva e Guaracira Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HUGO, V. **Do grotesco e do sublime**. Tradução Prefácio Cromwell. Tradução Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2012.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Tradução Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de Arte do século XX**. Tradução Teresa Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

ISER, W. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: COSTA LIMA, L. (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução Maria Elisa Cevalco. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

KAYSER, W. **O grotesco: configuração na pintura e na literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. 5.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LOPES LOURO, G. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

- LOURENÇO, E. **O labirinto da saudade**. 4.ed. Lisboa: Gradiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A nau de Ícaro: e imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Poesia e metafísica: Camões, Antero, Pessoa**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.
- LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Tradução Ricardo Barbosa. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- MOISÉS, M. **A literatura portuguesa através dos textos**. 29.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- MORAES, E. R. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- NASCIMENTO, L. e JEHA, J. (Org.). **Da fabricação de monstros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. Tradução Rubens Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PROPP, V. I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução Jasna Sarhan. Revisão Boris Schnaiderman. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ROUANET, S. P. **Riso e melancolia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. 2.ed. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SEIXO, M. A. **As flores do inferno e jardins suspensos**. Alfragide, Portugal: Dom Quixote, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os romances de António Lobo Antunes**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

SERRES, M. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade? Tradução Edgard Carvalho e Mariza Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SODRÉ, M. e PAIVA, R. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

STENDHAL. **Do riso**: um ensaio filosófico sobre um tema difícil. Tradução Carlos Nunes. Mem Martins: Europa-América, 2008.

VILLAÇA, N. **Paradoxos do pós-moderno**: sujeito e ficção. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

WILLIAMS, B. **Moral**: uma introdução à ética. Tradução Remo Mannarino Filho. Revisão Marcelo Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005.